Os Reinos Ibéricos na Idade Média

Livro de Homenagem ao Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno

Coordenação de

Luís Adão da Fonseca
Luís Carlos Amaral
Maria Fernanda Ferreira Santos

Vol. I

editora Civilização

FICHA TÉCNICA

Obra publicada ao abrigo do Protocolo de Colaboração entre a Faculdade de Letras
da Universidade do Porto e a Livraria Civilização

Copyright © 2003 Livraria Civilização Editora

Todos os direitos reservados
1.ª edição / Setembro 2003

Fotocomposição e paginação electrónica,
impressão e acabamentos efectuados na
Companhia Editora do Minho, S. A. – Barcelos,
para Livraria Civilização Editora no mês de Maio de 2003

Depósito Legal n.º 196233/03

ISBN da colecção: 972-26-2060-6
ISBN do Vol. I: 972-26-2134-3

Livraria Civilização Editora
R. Alberto Aires de Gouveia, 27
4050-023 Porto

civil@mail.telepac.pt

Ilustração da Capa: conjunto de escudos de armas do Livro do Armeiro-Mor
(séc. XVI), IAN/TT, Lisboa

Tendo em conta a grande diversidade de normas de citação
bibliográfica utilizadas pelos autores nacionais e estrangeiros, e
apesar dos esforços do grupo de coordenação no sentido de promover
a uniformização das mesmas, foi decidido respeitar-se
integralmente as opções tomadas pelos autores.
Os coordenadores aproveitam, também, para agradecer toda a generosa
colaboração dada pelas Dras. Maria Idalina Azeredo Rodrigues e
Maria Ondina do Carmo, funcionárias do Departamento de
História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na
preparação do presente Livro de Homenagem.

O "Pai da Pátria"

Henrique Barrilaro Ruas

Já tem sido notado que, de todos os grandes portugueses que exalta, só a Nun'Álvares Pereira é que Luís de Camões dá o nome de "pai da pátria" *{Os Lusíadas*, VIII, 32,5-6). A designação não surge forçada - nem sequer ajudada por qualquer construção eufónica; e corresponde bem à importância que o Condestável assume no Poema (Cantos I, IV e VIII). Até cerca de 1560, nenhum português parece igualado a D. Nuno na admiração do Épico. Porquê?

Antes de mais, veja-se o próprio texto. Logo no Canto I, a Dedicatória dá o primeiro lugar a Nun'Álvares. Contra a ordem cronológica, em que seria o sétimo, é ele que abre a série dos Heróis: Nuno, Egas, Fuás Roupinho, o Magriço, o Gama, Afonso Henriques, D. João I, D. João II, os Afonsos III, IV e V, Duarte Pacheco, D. Francisco e D. Lourenço de Almeida, Albuquerque, D. João de Castro (cinco antes dos Reis; cinco depois deles - os quais são seis).

No Canto IV pertencem-lhe, preparadas pela estância 13, as que vão da 14 à 21, e logo se lhe sujeita a segunda parte da 23 e a primeira da 24. Reaparece o Herói nas oitavas 30, 31, 32 (de certo modo na 33), na 34, na 35, na 36; reentra em cena nas que têm os números 45, *46* e (de certa maneira) 47.

No Canto VIII, nas palavras atribuídas a Paulo da Gama, o Condestável sobressai nas estrofes 28 a 32. É precisamente nesta última que esplende o alto e raro título:

> "Ditosa pátria que tal filho teve;
> Mas antes pai (...)" (5-6).

Pais da pátria eram, para os antigos Romanos, aqueles que decisivamente tinham sido salvadores da comunidade política.

A mesma ideia aparece, bem clara, em Camões. Se quisermos ver em que consiste a personagem histórica de D. Nuno, responde-nos o Canto I:

> "Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço," (I, 12,2);

e o Canto IV (em discurso na primeira pessoa):

> "(...) eu só, resistirei ao jugo alheio." (18,8);
> "Em virtude do Rei, da pátria mesta,
> .....
> Vencerei, não só estes adversários,
> Mas quantos a meu Rei forem contrários." (IV, 19,5,7-8).

Ainda no mesmo Canto, e de novo na terceira pessoa, o Condestável ergue-se aos olhos do Poeta como emulo de Xerxes (23,5-8) e "(...) Açoute de soberbos Castelhanos" (24,1-2). Nele "se encerra / Todo o valor" (30,5-6). Semelhante ao leão cercado por caçadores a cavalo (34 e 35), Nuno "a verdura / Tinge com o sangue alheio" (35,5-6). No termo da grande batalha real, ao passo que D. João I cumpre todos os ritos de vencedor - e vencedor cristão —, o Condestável, "(...) que não quer por outras vias / Entre as gentes deixar de si memória / Senão por armas sempre soberanas, / Para as terras se passa Transtaganas." (45,5-8). E o grande feito de Valverde (46) demonstra que uma estrela o guiava, que não consentia ver a intenção desmentida pelo efeito (46,1-2).

Mas é o Canto VIII que mais claramente desenha a figura mística de Nun'Álvares (30 e 31). Ao introduzir a personagem de teor sobrenatural, Camões reafirma a ideia da "santa Estrela",

que surge como que servindo a Deus, quer nos campos de Aljubarrota, quer na Andaluzia (29). É afinal pela boca de Paulo da Gama que Nun'Álvares Pereira se fixa definitivamente na Épica lusíada:

> "Atenta num que a fama tanto estende Que de
> nenhum passado se contenta; Que a pátria, que
> de um fraco fio pende, Sobre seus duros ombros
> a sustenta." (28,1-4).

Estes grandes serviços, esta entrega inteira ao Rei e à Terra-Mãe, ultrapassam a altura de um Cipião (ou dos Cipiões, 32,3-4)). Brota, portanto, da narrativa e da reflexão, a palavra magnífica:

> "Ditosa pátria que tal filho teve;
> Mas antes pai (...) (32,5-6).

Parece de notar, muito especialmente, o duplo fundamento da inscrição: o Condestável não foi somente um alto servidor do Rei; foi sobretudo o mais decidido e claro servidor do Reino. A distinção é essencial. Camões compreendeu perfeitamente o que há de novo, de original, na atitude de Nun'Álvares. Como nas suas muitas palavras mais ou menos seguramente transmitidas pelas fontes se pode ver, o Condestável tinha em mente a categoria política bem humana da comunidade nacional. Tudo mostra que era a Nação que ele procurava servir e levar os outros a servir. Servir o Rei era um modo - o mais simples, o mais seguro, mas um meio - de prestar ao Povo, no sentido de Nação, o devido e nobilitante serviço.

Parece de notar que o Condestável do Canto IV (desenvolvimento do breve retrato impressionista do que perpassa pelo Canto I) não é inteiramente equivalente ao do Canto VIII. Dir-se-ia que o Poeta guardou para o discurso de Paulo da Gama e para ser ouvido pelo Catual o elemento mais sublime da imagem de D. Nuno. Como se supusesse que o islamita Rei de Melinde não apreciaria tão bem como o pseudo-cristão ou semi-cristão da índia (segundo o conceito então vigente entre os Portugueses) a grandeza mística do Santo. Na verdade, só para os ouvidos do nobre indiano é que estava reservado o episódio de Valverde. O Rei de Melinde havia de contentar-se com uma visão a bem dizer limitada, e até falsa, do Grande Condestável:

> "Mas Nuno, que não quer por outras vias
> Entre as gentes deixar de si memória Senão
> por armas sempre soberanas, (...)." (como já
> vimos).

É, de resto, perfeitamente histórico que Nun'Álvares deixou como expressão das graças recebidas do Céu em Aljubarrota a ermida de S. Jorge e o Convento do Carmo. Mas, afinal, também não há n' *Os Lusíadas* sinal de conhecimento de tão notável construção como é a "Batalha". Fica-se com a vaga impressão de que o Poeta não dava importância a essas manifestações religiosas por parte dos heróis. E não há dúvida de que, muito objectivamente, um vasto e pesado véu silencioso recobre no Poema boa parte da espiritualidade da nossa História nacional, desde Santo António a Santa Joana Princesa, desde a Rainha Santa a Xavier. Maior é, assim, o relevo que assume o rasgo místico do Condestável em Valverde - aliás logo comparado a um episódio do paganismo clássico.

Clássico é também, na verdade, o título conferido ao nosso Herói-Santo. Mas seria injusto e inadequado pretender uma leitura meramente classicista e retórica do epíteto, como se Camões houvesse apanhado de passagem uma ocasião propícia a compor um retrato académico. Não. A figura ímpar de NunAlvares entra e reentra peP *Os Lusíadas* dentro com perfeita naturalidade. Está em sua casa. Instala-se de corpo inteiro e de alma íntegra. Fala em nome da

nobreza consciente e do povo rude, em nome daqueles que compreenderam o sentido aristocrático da existência e também por todos os que viveram intuitivamente a verdade política.

Filho da pátria, "aluno" (Canto VIII), mas também pai. Dos três substantivos que de algum modo adjectivam o Condestável, o segundo é o que pede alguma explicação: *alumnus*, que pode ser filho, e até infante, bebé, vale também como discípulo e como servo; mas surge, no baixo latim do século V (Marciano Capela), com o sentido activo (cf. Félix Gaffiot), portanto como aquele que dá o sustento. Tivesse ou não tivesse Camões a ideia desta extensão do termo, é-nos certamente lícito aproveitar a revolução semântica: a Mãe-Pátria amamenta, mas é por sua vez amamentada, sempre que as gerações renovam o sangue e a vontade. Cada uma das gerações, cada pessoa em cada geração verdadeiramente viva renova o acto criador da comunidade nacional. E, se é este o mistério da existência do Povo, esse mistério torna-se dominador e magnífico sempre que alguém consegue concentrar em si as energias espirituais, a força moral, a consciência reflexa e actuante, o sentido histórico, e renova o processo biológico.

O Condestável foi um desses homens verdadeiramente extraordinários. Considerando serenamente em que consistiu a sua obra, veremos que ele conheceu claramente a situação de desolada angústia da Pátria, e teve a visão perfeita da sua vocação para a salvar. Uma consciência acompanhava a outra. Quanto mais via a miséria, a orfandade, a viuvez da Terra-Mãe, tanto mais nele crescia o sentimento e o impulso para se dedicar completamente à sua libertação. Nas circunstâncias históricas concretas, não bastava libertar Portugal: libertá-lo era recriá-lo, restaurar-lhe as energias perdidas, reavivar-lhe o auto-conhecimento, dar-lhe de novo dignidade e sentido das responsabilidades. Dar-lhe História.

Libertar Portugal era libertar e nobilitar cada uma das comunidades portuguesas; cada um dos Portugueses. E a verdade é que, se exceptuarmos uma meia dúzia de portugueses estrangeirados ou perdidos, cada português desde o século XV conhece e reconhece em Nun'Álvares o "Pai da Pátria" de nós todos. Há nesse sentimento uma componente intelectual, juntamente com outra meramente instintiva e uma terceira de carácter afectivo. De modo geral, o entusiasmo que desperta o nome do Condestável não depende da posição religiosa dos Portugueses: viu-se, no princípio do século XX, quando se constituiu a "Cruzada Nun'Álvares". Entre os fundadores e dirigentes, encontravam-se figuras bem distantes da Igreja Católica. Fenómeno análogo se deu em França, e também pela mesma altura, em relação a Joana d'Arc, a "Santa da Pátria". Em ambos os casos, trata-se de alguém que recriou uma entidade política ameaçada de morte, e que - muito especialmente em Portugal -, ao refazer o vínculo, lhe deu forma mais perfeita. Entre o acto fundador de D. Afonso Henriques e o acto recriador de Nun'Álvares, houve um progresso inegável: o que era ainda obscuro tornou-se claro; nasceu para sempre a consciência política, cada vez mais participada pelos membros da comunidade.